



CORREIO EDITORIAL
 AUTORIZADO A CIRCULAR
 EM INVÓLUCRO FECHADO
 DE PLÁSTICO OU PAPEL
 PODE ABIR-SE PARA
 VERIFICAÇÃO POSTAL
 DE00602013CE



Gaiato

Quinzenário • 14 de Dezembro de 2013 • Ano LXX • N.º 1820 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
 Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
 Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

ONTEM à noite, após o jantar, aproveitei os pouquíssimos minutos que nos restam, para poder contemplar os nossos mais pequeninos, todos juntos, nas suas brincadeiras. Um deles irá ausentar-se nesta Quadra em que um Menino nos é dado e, para nossa tristeza e sua desventura, essoutro menino nos será levado, por isso ser mais conveniente.

Vê-los a correr uns atrás dos outros, com o mais pequeno em perseguição dos mais crescidos, de raquete na mão, interrogou-me também sobre a necessidade que todos temos de actividade, já desde as idades mais tenras.

Por certo que seria fastidioso passar a vida a brincar. Também as crianças gostam de pequenos trabalhos, ainda que feitos «como quem brinca».

Há dias, quando descarregávamos uma carrinha com arroz que nos foi oferecido pelos nossos de Coimbra, o já referido «batatinha» também quis ajudar. Ainda lhe disse que não, mas resolutamente pegou num pack de 10 kg de arroz e transportou-o para o local onde estava sendo arrumado, impedindo que lhe dessem ajuda. A distância a percorrer era muito curta, mas como admirei a proeza, determinação e aplicação do nosso «batatinha».

Com o crescimento, percebe-se que não pode haver pessoa feliz sem o exercício de um trabalho. O trabalho torna-se um objectivo, e estes são necessários para que o ser humano cresça.

As nossas Casas sempre tiveram como indissociáveis o Rapaz e o trabalho. Não se fala de

trabalho profissional ou ocupação prejudicial ao desenvolvimento das aprendizagens escolares, mas de tarefas adequadas à idade e capacidade de cada um, exercidas em função da Comunidade, por todos.

Achei graça, há bem poucos dias, ver um grande grupo de crianças a colaborar na arrumação de géneros alimentares, numa campanha alimentar. Há poucos anos, quando isso estava na berra, logo uns tantos técnicos apelidariam essa actividade, desempenhada com gosto e alegria, de trabalho infantil. A máxima era que as crianças só deviam brincar. Como os limites da idade da criança são um pouco indefinidos, tínhamo-los até aos 18 anos só a brincar. E depois?

A nossa seara também não foi incólume a esta sementeira. Do exterior vieram lançá-la dentro das nossas portas, qual joio que ainda hoje cresce, aqui e ali, pelos desejos de ociosidade.

Olhando a realidade do desemprego que grassa, não será descabido atribuir-lhe também como uma das suas causas, esta mesma mentalidade, especialmente nas camadas mais jovens. Os frutos que se colhem dependem principalmente da sementeira feita, embora contribuam também outros factores que não dominamos.

Sempre se procura o progresso e o desenvolvimento, embora com desvios por caminhos errados. Pai Américo conheceu o caminho certo: «Tudo quanto seja regresso a Nazaré, é progresso social cristão». □



MALANJE

Padre Rafael

Porque para Ela todos estão vivos

A Obra da Rua é como uma mãe que acolhe em seu regaço todos os desprezados, que os padres recolhem nas esquinas das ruas. É o amor que reside em suas entranhas, quem consegue recuperar muitos deles — porque para Ela todos estão vivos.

A Obra, antes de mais, é família para os sem família. É dos Pobres, para os Pobres, pelos Pobres. A Confiança é a chave que abre os cadeados de tantos corações marginalizados. Os Pobres encontram nela a oportunidade de recuperar a sua dignidade. Por ela, são retirados da miséria, por aqueles que vivem em pobreza.

A Obra acolhe os Pobres a quem a sociedade põe diferentes rostos... durante um tempo foram as crianças... depois, os doentes... hoje e amanhã. Continuar com as portas abertas aos Pobres de cada época; pois, são eles que vão dar-lhe continuidade. — Não podemos ter um quarto vazio e um Pobre na rua.

Os padres da rua são sacerdotes diocesanos, cujo zelo pelos Pobres não os deixa descansar dia e noite. São sacerdotes a quem o Bispo das suas dioceses encomendou a custódia dos mais excluídos. Onde haja um sacerdote diocesano entregue de corpo e alma aos Pobres, está a semente da Obra da Rua.

Os padres da rua existem em praticamente todas as dioceses do mundo, porque em todas as igrejas locais o Espírito despertou em algum sacerdote o amor pelos deserdados da sociedade. São padres que não se sentem chamados à vida contemplativa ou a uma associação sacerdotal, simplesmente querem viver com os que sofrem e ser família com eles.

Os padres da rua não se relacionam entre eles ao modo de uma associação ou congregação. São como pais de família e irmãos entre eles. Ajudam-se quando necessitam, partilham as suas dificuldades e alegrias — tudo de um modo natural como há-de ser uma família. E nunca tomam uma decisão sem o apoio do seu Bispo ou Diocese.

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

QUANDO pela manhã rezo na capelinha, tenho um limoeiro vergado com frutos, ainda novos, a tapar-me a vista da serra que se ergue em frente. Sobre a cabeça, um retrato do Pai Américo a rir-se de mim — porque vim, veio meter-me em grandes sarilhos. Eu olho, antes de me sentar e todos os dias se ri e procuro interiorizar o seu pensamento. À minha frente, o Cristo escondido no sacrário, a Quem me dirijo cara a cara, sem O ver. Mas sei que está ali. Ao lado, o Altar tosco levantado sobre uma raiz de acácia, que a fome de lenha deixou para trás, naquele tempo, e era difícil de carregar, ficou à espera que o encontrasse e foi-lhe aplicada uma casqueira de chanfuta que, naquele início de vida, fui pedir à serração de um indiano. Por detrás, na parede, um Cristo de África em pau preto, talhado por um maconde, que uma Senhora daqui ofereceu à chegada, ao Padre Carlos, e um filho lhe tinha dado, e ela endossou para nós. Muito me faz lembrar dela, que não sei se ainda vive; se sim, gostava que desse sinal ou, ao menos, que se console

como eu, ao olhar e recordá-la.

Pois, no limoeiro poisam meia dúzia de pardais que me distraem, alguns são normais na cor, outros são negros. Que maravilhosa adaptação e convivência. Descem nos ramos e procuram no chão o alimento. Depois, sobem à sombra ao menor ruído por perto. Não têm confiança aos sons desconhecidos, que os homens e os carros por ali fazem. É um viver e deixar viver. É a primeira lição. Adaptar-me; viver no meio dos outros; na diferença, mas em conjunto; partilhar a segurança e os perigos, para assegurar a vida na paz.

Por cima da cabeça, o Pai Américo — um rir de felicidade, apoiado num cajado grosso de pastor na serra do Gerês. Distante da realidade que deixara em Casa, para descansar um pouco o fígado, que lhe dava acessos de mau humor. Ele que era tão dado à folia, sua e dos rapazes, que até mandava comprar foguetes e rabichas para o São João, para os ver felizes atrás das canas, depois dos estoiros, ou a dar pulos por causa do serpentear das rabichas. Delirava, até, quando os via da

varanda da Casa-mãe a jogar a bola e os entusiasmos acirrados desancavam em pancadaria de uns a outros ou até ao grupo visitante. E, agora, continua a rir-se feliz, lá em cima de mim, e eu aqui a olhar conscientemente se concorro para a sua felicidade.

O sacrário também está assente num tronco pequeno e é primitivo da Capela de Paço de Sousa. Quantas horas diante dele passou Pai Américo. A hora da manhã, após a Missa, era mais prolongada, absorvente e saborosa. Dali, partia com ímpeto ao encontro dos Rapazes e dos Pobres. Ali, o encontravam absorto e reagia se o incomodassem.

O Sacrário e o Altar de pedra! Um altar românico que infundia perenidade. Sou testemunha de algumas celebrações. Vivia mais absorto para si do que para os outros, como hoje fazemos. O alimento perene da sua vida e da sua Obra. O *Santuário de Almas* que a partir dali levantou e se estende a África, sobremodo à terra dos pardais — que ali na minha janela andrilham e no meu coração palpitam como homens para este Moçambique. □

DOCTRINA

Pai Américo

Agonia Social



AQUI há tempos eu lembrei ao Padre Manuel, de Miranda, a conveniência de ir a uma terra de onde nos chamavam no intuito de oferecer donativos para a nossa Obra. Eu acho muito bem que assim façam. Eu desejo que todos se lembrem de nós. Quanto maior for o número de homens de bem a chamar pelo nosso nome, mais pequeninos podemos receber daqueles que por nós chamam. Pois o Padre Manuel respondeu-me a dizer que sim. Iria, mas lembrava outra conveniência. Lembrava a necessidade da presença. Eu até digo as suas palavras: «Eu tenho três casas à minha conta, com horas e dias marcados para cada uma e sinto a necessidade da minha presença no meio dos nossos rapazes.»

EU li a carta, dobrei e gostei muito. Aquela presença de que fala este Padre da Rua, é facto incontestável. Ninguém pode educar sem esta acção. Estar constantemente no meio dos seus. Não, já se vê, a vigiar o que eles fazem; mas sim observar de perto e affigir-se se fazem mal ou alegrar-se se fazem bem.

É a doutrina natural. As mães educam assim. Toda a mulher que se chama e é mãe, faz assim.

Elas nunca mais saem de casa desde que concebem e dão à luz o seu filho. Parece que perdem o interesse por todas as coisas da vida que não digam respeito aos seus filhos. É uma absorção total, permanente, amorosa. Por isso mesmo a mãe é por natureza a educadora.

ORA a nossa Obra é para os que não têm pai nem mãe. Ela não vale por dar de comer e de vestir às legiões de desditosos. Isso vem em segundo plano. A nossa missão é formar homens que hão-de ser, afinar consciências, trabalhar em profundidade — educar.

TAMBÉM eu digo hoje aos meus leitores o mesmo que o Padre Manuel me disse, pelas mesmas razões e com igual convicção. Sem a acção de presença é impossível educar. Basta que os rapazes saibam que nós estamos. Eles gostam de saber o dia do regresso quando nos vêem sair pela porta fora. Por esta maneira de ser e sem palavras, também eles querem a nossa presença. Também eles querem esta maneira de educar. Porquê? Por amor do desgaste silencioso e necessário dos que educam. Eles não sabem, mas pressentem as nossas aflições. Noutro dia, um visitante pergunta ao cicerone se os rapazes não iam às uvas. As ramadas estavam cheias delas. O cicerone dá a resposta pronta e também a razão dela: «Não vamos porque o Pai Américo fica triste». O próprio visitante é que me disse isto que aqui se publica. Eles presentem. Eles vêem no rosto as nossas aflições. É a transfusão; a transfusão de valores essenciais da sublime tarefa de educar. Não há transfusão sem sangue. Eis como nós compreendemos a palavra e a acção de presença no meio dos nossos rapazes. Estou contentíssimo porque o Padre Manuel compreende da mesma sorte.

NÃO obstante, nós todos, os actuais Padres da Rua, temos por vezes de nos ausentar. Somos obrigados a ir procurar o que menos vale e a deixar num quase abandono aquilo que mais presta! Não há nada que mais faça doer a quem tem a experiência e fala do que sabe! Eu, por mim, sempre que me vejo forçado a ir ao pão, agarro-me com unhas e dentes à minha inculpabilidade e berro alto, interiormente, que a senhora D. Sociedade é que tem de ser chamada à pedra por nos criar esta amarga situação. Eu acho isto um enfraquecimento; uma falta de sensibilidade — agonia. A Agonia!

FALTA sangue de Cristo na sociedade. Falta, sim senhor. Vive cada um para si e mui poucos para os mais; quando nós havíamos de ser todos para todos, se nos temos na conta e gostamos de ser chamados discípulos de Jesus.

Eu finjo ser galhofa, e até anunciei em «Isto é a Casa do Gaiato», aquilo do «Botas» ser nomeado à hora da ceia por não termos conduzido para todos. Mas custa-me os olhos da cara ver um cento de crianças de braços estendidos e o prato vazio na mão: «Ó 'Botas' olha aqui». E o «Botas» não olha porque não tem conduzido para lhes dar!

Isto faz doer. E esta dor não seria, se houvesse no mundo sangue de Cristo! É a Agonia social.

OS grandes diários davam ontem uma notícia que vale a pena meditar. Duas notícias. São do Brasil. Uma, fala do actual grito de alarme soltado pelos governantes em face da mortandade catastrófica das crianças. Outra, logo ao pé, dizia de um homenzinho que morreu a valer mil milhões de cruzeiros; mil milhões!

É a Agonia. O agonizante pode ter os olhos abertos, mas não vê. E se o faz, não distingue. Assim a sociedade.

Eu gostaria de fazer homens fortes destes párias d'ontem. O pão é o primeiro elemento e temos de o mendigar ou passar sem ele: «Ó 'Botas', olha eu».

Do livro *Doutrina*. 2.º vol.

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Fausto Osvaldo

CHEFE MAIORAL — Hoje é um dia grande para nós, porque o Erickson foi ser operado ao joelho no Hospital Padre Américo. Espero que ele melhore bem do joelho, para eu o ver a jogar bem o futebol, e também para nos poder ajudar em coisas difíceis.

JARDINS — Começámos a cortar as sebes com a máquina respectiva. Depois fizeram-se os montes e recolhemos tudo para o atrelado do tractor, que foi levar para queimar. Das árvores continuam a cair as folhas para o chão, e nós varremos e reco-

lhemos para o atrelado, que depois é despejado na estrumeira.

VISITAS — Foi um dia grande que os Rapazes tiveram com a visita de um grupo de catequese de Avesadas — Marco de Canavezes. Fizemos jogos e um lanche para todos. Ficaram também a conhecer a nossa Casa e a nossa Obra. Regressaram à sua terra muito contentes.

ESCOLA — As aulas estão a acabar para entrarmos de férias. Este período, alguns Rapazes tiraram boas notas mas outros não. O estudo

que fizemos, deu muito trabalho para se alcançarem bons resultados. Mas valeu a pena para quem teve boas notas.

NATAL — Começámos a preparar as coisas para o Natal. Os Rapazes estão a ensaiar peças de teatro, canções e danças. Outros, estão a preparar coisas para enfeitar o nosso refeitório e a nossa Capela. Fica tão lindo este Natal, nós todos reunidos para comemorar o nascimento do Menino Jesus. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

AGROPECUÁRIA — Aproveitando vários dias de Sol, e muito frio, continuou-se com a apanha da azeitona, nos nossos olivais. As oliveiras estavam carregadas de azeitonas, embora algumas tenham caído. A primeira grande carrada, com 2619 Kg, já foi para um lagar em Oliveira do Hospital. Nos galinheiros, os frangos estão a ficar bons, para servirem nas nossas refeições.

MÚSICA — A 24 de Novembro e 1 de Dezembro, de tarde, no nosso salão de festas, a Prof.^a Cristina Faria, da Escola Superior de Educação de Coimbra, com 6 alunos e alunas, dinamizaram uma actividade de intervenção musical com os Rapazes, que foi interessante. Bem hajam!

BENS ALIMENTARES — Várias famílias e algumas comunidades têm-nos feito chegar bens alimentares para as nossas necessidades e os pobres que ajudamos. Entre outras, referimos o Colégio de Nossa Senhora da Assunção, na Anadia. A todos, a nossa gratidão! □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO CENTRO

Lembramos que um dos Objectivos da nossa Associação é: — «Promover a amizade e solidariedade entre os seus membros, apoiando-os sempre que necessário», Artigo 3.º, alínea b) dos nossos Estatutos.

Todos sabemos que o País está com grandes dificuldades. Não imaginamos, a maior parte de nós, quão difícil será viver com rendimentos inferiores a 300,00 euros. Pois há associados nossos que vivem com rendimentos mensais inferiores. Vamos apoiá-los, particularmente, nesta quadra natalícia.

Dá força à tua generosidade. Se puderes e quiseres, contribui, para que possamos compor um cabaz de géneros alimentícios e distribuir pelos que estão nestas condições.

Conhecemos a situação de dois associados que estão neste enquadramento. São estes, desde já, que nos movem para esta campanha.

Se tiveres conhecimento de outros associados nas mesmas condições, dá-nos essa informação para que possamos chegar até eles com um pouco do calor humano. A amizade e a solidariedade devem gerar os apoios necessários para aqueles que nos são e/ou estão mais próximos.

Juntemo-nos todos e conseguiremos um óptimo cabaz de Natal. Não fiques indiferente. Manda o teu contributo para a nossa Associação: Bujos 3220-034 Miranda do Corvo. Aproveitamos para desejar a todos os associados, e respectivas famílias, muita felicidade natalícia partilhada. □

POSTAIS – COLECÇÃO «PENSAMENTOS» DE PAI AMÉRICO...



Reavivamos a memória dos nossos Leitores e Amigos para a colecção dos postais que designámos por: *Colecção «Pensamentos» de Pai Américo — Comemorativa dos 125 anos do seu nascimento.*

O exemplar aqui mostrado, tem o formato de 145x105mm, é de um grupo constituído por 56 pensamentos com fotografias das nossas Casas, devidamente referenciadas no verso onde consta, também, o respectivo espaço para o endereçamento CTT e escrita de pequena mensagem.

O segundo grupo, no formato 114x166mm, é constituído por 8 postais, reservam o interior à escrita e no contra-rostro está impresso o *Pensamento*. Ambas colecções são uma óptima lembrança de Natal.

Já despachámos pedidos de colecções completas e os rapazes da Administração estão preparados para remeter na volta do correio.

Lembramos que os pedidos devem ser dirigidos à nossa Editorial da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa; através do telefone 255 752 285; por e-mail: obradarua@iol.pt; e ainda pelo nosso *site* www.obraderua.org.pt — assim como os pedidos de trabalhos tipográficos que os nossos Amigos queiram mandar fazer, para os quais elaboraremos o nosso melhor orçamento.

Júlio A. B. Fernandes



VINDE VER!

Padre Quim

Reavivar a Esperança

A mãe natureza — dita, na lógica de São Francisco de Assis, que tratava as criaturas por irmão sol, irmã lua, e tantos quantos o universo abrange —, é detentora de uma perícia ímpar em assinalar as estações do ano, os períodos de fertilidade da terra, desde as sementeiras às colheitas.

Veio a chuva, quando estávamos a rezar. Há muito que não se via a terra molhada, os cactos e as sebes ficaram lavadinhos. A garotada espantou-se e em debandada atirou-se para o vendaval. E quem é que a segura debaixo das gotas violentas, mas refrescantes para o calor do litoral sul?!

A liberdade é um indicador insubstituível na educação. Pai Américo, dizia: *Ninguém espere fazer homens de rapazes domados*. Com todo o mérito é chamado *um grande educador do século XX*, e dos nossos dias. Se ela vier a faltar, perder-se-á o gosto pelo “doce fruto da amargura”. Já Sócrates a tinha comparado como uma árvore de raízes amargas, mas com frutos doces. E quando ao passar pela avenida conducente à capela, ao observar que as acácias estavam todas floridas e no solo davam-nos um tapete magistral rubro, vieram, de contente e aos gritos, dizer: o Natal está próximo, há flores ao longo do caminho. Ainda estarão lá ao longo destas quatro semanas, enquanto preparamos a vinda do Senhor.

A chegada de Deus Menino ao mundo dos homens, neste tempo dedicado à preparação da Festa do nascimento de Jesus, aumenta a expectativa da vinda do Reino de Deus. Advento é tempo de fomentar a construção da esperança, uma esperança que transcende os limites das necessidades materiais e imediatas do nosso dia-a-dia, que são inúmeras, como é naturalmente aceite para uma família alargada como a nossa. Este conceito, chave da cultura Bantu,

tem vindo a se perder, quanto mais aumenta o consumismo e o individualismo — dois factores destrutivos da solidariedade humana.

A crise económica não veio só, é reflexo duma anterior crise das estruturas dos valores culturais dos povos. A *global village* dos nossos tempos, é uma máquina intolerante na trituração e desvitalização das referências culturais. Com o advento da aldeia global, julgava-se ter chegado à solução para o problema da pobreza. Até aqui, o que ela fez, foi cavar um fosso maior. E assim dividiu o mundo em dois extractos sociais: uns poucos nas estrelas e a maioria da população atolada no lodo. Para citar o nosso Padre Telmo Ferraz, no seu livro «O Lodo e as Estrelas», editado nos anos 60, é uma antevisão de como o mundo viria, futuramente, a estruturar as suas classes sociais. Alguns, no topo; outros, nas cavernas. O mundo necessita de uma nova Esperança que inclua a possibilidade da justiça, da paz do amor, da dignidade e do equilíbrio da vida e da criação de Deus.

Começaram a chegar as notícias dos resultados escolares dos nossos Rapazes, temos esperança em bons resultados, que merecerão uma lembrança e um estímulo positivo. E como não temos galinhas no nosso galinheiro, não esperamos a visita de raposas ao seu interior. Mas se algumas vierem, por teimosia, serão reforçadas negativamente, para criar no Rapaz a aversão do mal. A perda do ano escolar é grave, porquanto a própria sociedade não tolera e marginaliza os que não têm, pelo menos, o mínimo académico aceitável, para aceder a um posto de trabalho rentável. E nós somos testemunhas do que tem acontecido aos nossos Rapazes, quando não têm no currículo o que está prescrito como requisito indispensável. Havemos de lutar por cada um deles, para que tenham o necessário para o enquadramento social no futuro. Assim há-de ser! Deus é Pai.

A conclusão é de Pai Américo: «O segredo das Obras sociais consiste no segredo divino de as tornar humanas». □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

A NOSSA VULNERABILIDADE — Há dias faleceu uma das pessoas que era acompanhada pela nossa Conferência. Não é preciso dizer que “Deus a tenha”, porque já lá a terá certamente. Também, pela mesma altura, chegou-nos o recado de que outra das pessoas que acompanhamos poderia ter caído e ter algum problema na cabeça. Sendo quem é, tememos que pudesse ser coisa muito grave. Por isso, fomos a correr, mal soubemos da notícia. Felizmente, o problema de saúde que, de facto, havia, foi de fácil resolução.

Estes e outros episódios trazem-nos à ideia a nossa vulnerabilidade. Num segundo tudo pode mudar, mas há sempre uma coisa que não muda, mesmo com a morte física: o que de bem ou de mal fizemos na nossa vida, até então. Somos dos que acreditam que a vida não se interrompe com a morte física. A nossa vida é a nossa alma: foi Deus que no-la deu, para a usarmos bem, e é isso que fizemos com ela, que é imortal.

Gastá-la a correr atrás das vãs glórias deste mundo, em vez de cuidarmos daqueles que Deus vai

colocando no nosso caminho, não é aquilo que Ele quer que façamos da nossa vida. Essas “glórias” são isso mesmo: são vãs, desaparecendo com a morte física.

Que o Natal nos sirva para sabermos distinguir sempre aquilo que é realmente importante fazer, e não morre, do que é vã glória deste mundo, e se reduzirá a pó, quando a morte física vier.

Os nossos contactos:
Conferência de Paço de Sousa
A/C Jornal O Gaiato
4560-373 Paço de Sousa
Telem. 965464058
E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt. □

SETÚBAL

Padre Acílio

Festa na Humanitária

É já neste Domingo, 15 de Dezembro, às 16 horas, que os nossos artistas irão deliciar os Amigos da Casa do Gaiato a residir em Palmela e seus arredores.

O tema do espectáculo é o trabalho, sua dignidade e a sua actual exploração.

Haverá teatro, declamações e música. Os Rapazes irão também cantar alguns poemas da nossa autoria, sobre o mesmo assunto, e mostrarão, em dança contemporânea, o ressurgimento de quem estando perdido, reagiu e se encontrou. Neste número, a música é do Danilo e a execução do Ivanoel. Os «Batatinhas» levarão folclore com encanto e inocência. A banda actuará em pleno, no palco daqueles que ampararam eficazmente o nosso sonho e rejubilaram, agora, ao ver o brilho dos Rapazes.

Será uma festa ao nível de todos: Crianças, jovens e mais velhos.

Delicioso ofertório

NO fim do Ano da Fé e na celebração do seu encerramento, em Almada, o nosso Bispo D. Gilberto convidou os cristãos a trazerem ofertas em alimentos, para repartir com a Casa do Gaiato de Setúbal e o Vale de Acór.

Com muita pena minha, por outro compromisso à mesma hora, não me foi possível participar na Missa, mas dois Rapazes nossos, já homens, foram recolher as ofertas e trouxeram para Casa onze caixas grandes cheias de arroz, massa, azeite, bolachas, enlatados, etc... Houve, até, quem oferecesse laranjas e limões, que cultivamos abundantemente na nossa quinta.

Para nós é de valor muito importante, pois a dispensa esvazia-se rapidamente. Os Pobres batem-nos à porta em magotes, todos os dias, sem interrupção. Mas o mais apreciável para nós, foi sermos contados pelo nosso Bispo entre os pobres da sua Diocese.

Damos graças a Deus, muitas vezes, pelo que recebemos, de quem o colhemos, e por Quem o obtivemos.

Esta lembrança do nosso Bispo à sua Igreja, foi uma surpreendente forma de carinho e apreço que reforça a nossa comunhão e muito nos encoraja. Graças a Deus! □

EXULTAI DE ALEGRIA

Padre João

ESTE tempo do Advento, com o qual iniciámos o novo Ano Litúrgico, apresenta-se sempre como um forte apelo à alegria. Não se trata só daquela que a proximidade do Natal provoca, naturalmente. Este ano, apesar de tantas crises e temores no horizonte humano, temos um enfoque especial: o nosso Papa Francisco acaba de “prender-nos” com uma Exortação Apostólica, a primeira do seu pontificado, a propósito da alegria, a *Evangelii Gaudium* — a Alegria do Evangelho.

Trata-se de um belíssimo “bilhete postal” de Natal a ser “reescrito”, devotamente, durante o tempo do Advento, principalmente, e para além dele, com a alma em espírito de oração e vigilância na expectativa da vinda de Cristo.

No Advento, de facto, condensa-se o tempo da Esperança da Igreja na vinda do Senhor — que já veio; que continua a chegar e a fazer-Se presente no tecido da história humana e que virá, um dia, definitivamente. Não sabemos quando nem como — nem isso é o mais importante. Importa, sim, que esse dia não nos apanhe de surpresa, como nos adverte o Senhor, oportunamente.

“Reescrever” intimamente, pois, esta exortação do Papa em tempo de Advento, é, para além do mais, uma excelente preparação para as grandes festas da liturgia que se aproximam. Façamos nossas as palavras com que Francisco inicia a sua Exortação, como se estivesse a invocar o Espírito Santo; palavras repassadas de grande humanidade e experiência espiritual: «*Senhor, deixei-me enganar, de mil maneiras fugi do vosso amor, mas aqui estou novamente para renovar a minha aliança convosco. Preciso de Vós. Resgatai-me de novo; aceitai-me mais uma vez nos vossos braços redentores*».

O Papa Francisco, com esta exortação, “chancela” tantos dos seus gestos carregados de humanidade e vigor espiritual que estão a tornar-se normativos para a Igreja e causa de grande admiração para o mundo.

O Mundo, as sociedades da nossa velha cultura ocidental, de modo particular, precisam e devem agradecer esta alegre “Boa Nova” que o Papa Francisco nos oferece a todos, como se de prenda de Natal se tratasse. Intuímos que, pela certa, serão os humildes, os simples e puros de coração aqueles que mais exultarão de alegria com esta exortação paternal de Francisco. Tão profética se apresenta, que aos ricos da “finança” e do “amor-próprio” causará grandes incómodos e perturbação. Os defensores do “statu quo” — do sempre foi assim — “que se cuidem”. Mas os pobres de Francisco e do Reino exultarão de alegria.

Nada poderá ser como dantes ou não fosse o Advento um tempo de alegre esperança; de realização das promessas messiânicas. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Fios de azeite

NESTE ano, de tantos sinais reivindicativos, o Verão de S. Martinho prolongou-se e ainda bem para gáudio de quem vive chegado aos torrões. Das quentinhas e boas que são as castanhas, naturalmente e depois, tiveram de dar lugar de primazia à colheita de negros frutos drupáceos, numa safra exigente e proveitosa por miríades deles em ramagens persistentes.

A apanha da azeitona é sempre uma boa oportunidade de extrair uma riqueza característica da dieta mediterrânica, a não perder na nossa identidade económica e cultural. O azeite chegou a ser exportado para o epicentro do Império Romano. O seu incremento nacional vai sendo notado e desejado. Entre nós, revela-se também uma maravilha a promover, nomeadamente pela necessária ocupação saudável de gente nova, proveniente de bairros degradados. Em tardes, como do meio da semana, não houve outra liga nem hipótese: nos olivais, fizeram jeito mais mãozinhas para a dita empreitada. Crescer assim, a saber o que custa a vida, é meio caminho andado. S. Paulo, nos primórdios do Cristianismo, recomendou aos Tessalonicenses: *No Senhor Jesus Cristo, ganhem o pão que comem, com um trabalho tranquilo.* Tem sido deste modo, neste tempo outonal, de dias gélidos.

Enquanto a beleza dos matizes das folhagens caducas vai caindo por terra, sem dó nem piedade, de copas frondosas e formosas recolheram-se muitas redes cheias, não de peixes, mas de pepitas pretas, antes que ficassem perdidas nas ervas nascidas. Estendidos bem os panais em redor de troncos vetustos, varejando as copas, com

alguma dor, foram-se resgatando manchas de frutos oleáceos, muitos deles ainda agarrados às pontas dos ramos. Por isso, não se prescindiu de um simples limpador mecânico, para acelerar o processo de recolha.

Depois, até seguirem a derradeira viagem, marcada, para um lagar da região esperaram, em tinões com água e sal, a sua vez de serem esmagados. Na laboração das azeitonas, quem já viu e apreciou, ao vivo, a correr fios de azeite, no fim dessa luta com final feliz, louva a Deus pelas surpresas e belezas da Criação!

De uma família humilde, durante essa grande tarefa, veio este repto: — *Tragam-nos do vosso azeite...* Não é só a prudência que manda, mas a alegria de dar aos outros o melhor que temos no coração.

Enquanto andávamos nesta acção tão benéfica, de remotas origens, saltou-nos à vista uma parangona acutilante sobre um problema inquietante: as crescentes *perturbações disruptivas de comportamento* e a delinquência juvenil. Na verdade, no nosso País, há milhares de delinquentes e pré-delinquentes, muitos deles sem acompanhamento ao nível da saúde mental.

Como o trabalho é a nossa fonte de riqueza e de alegria, no dizer assertivo do Padre Américo, porque teimam mentes e correntes adversas em *infantilizar* adolescentes e jovens, emparedando-os tempo demais em salas de aula, desligadas dos contextos locais, das realidades ambiental e profissional? A experiência de vida ajuda-nos a dizer que é contraproducente obrigar uma parte deles a frequentar um ensino generalista e desarticulado do meio envolvente e das capacidades e inclinações pessoais.

Verifica-se que, no panorama socioeconómico, vão aumentando aqueles e aquelas jovens que, entre os 15 e 34 anos, *nem* estu-

dam *nem* trabalham. Não se deve engrossar a fileira da dita geração *nem-nem*, que já atingiu os 450 mil, em Setembro. Desocupados e sem entrar no mercado de trabalho, vêm passar os dias e os anos e as oportunidades de realização e a participação social. Vazio, preguiça e frustração são companhias indesejáveis para quem é chamado a sonhar que o mundo avance. Este cenário pode conduzir ao acréscimo de patologias psicossomáticas e da criminalidade juvenil.

Não haja receio de agarrar cedo, nas escolas, adolescentes em opções mais técnicas, num sistema *público* aberto, com iniciativas estatais e privadas. Quando é que, muitos deles, aprenderão a cultivar uma horta? Ou teremos de deixar algumas colheitas nacionais a outros de longe? Sendo Europa e Atlântico, num paradoxo, em Portugal não se pode enjeitar o que o nosso território nos pode dar de melhor, com a sabedoria dos avoengos e os desafios prementes da actualidade. Se há pobre *leveza* de muitos jovens, inactivos, desperdiçados e esquecidos, isso não pode conduzir à infeliz certeza do *vazio* de uma geração ou mais. O regresso à terra (e a paixão do mar), sentindo a vida a pulsar e a germinar, entre outros, este é um suplemento de esperança que não evita mãos calejadas e testas suadas.

Aos 12 anos, em Jerusalém, Jesus, depois de ouvir e fazer perguntas aos doutores, voltou para as suas tarefas em Nazaré. Sem estudo e trabalho, é muito difícil crescer em sabedoria e até em graça. *Trabalha que Deus te ajudará.* Custa ver filhos a trepar apenas em estatura. As azeitonas têm de ser descidas das árvores e dilaceradas, para chegarem à limpidez de fios dourados, do precioso azeite.

Nos caminhos tortuosos, e são tantos, encontram-se felizmente samaritanos, como um que ia para Jericó de viagem e se encheu de compaixão por um homem abandonado, em que deitou azeite nas suas chagas. Numa sociedade ferida por demasiada inação, há que inventar e dar ocupação, e cuidar ao mesmo tempo dos que se encontram caídos no chão, com misericórdia. *Brotará um rebento do tronco de Jessé e um renovo das suas raízes...* □

casa de família para acolher estes filhos da sociedade. Pai Américo sentiu e viveu este problema de tal maneira que no seu coração construiu o Calvário que se fez realidade como Obra de Doentes para Doentes e pelos Doentes. Os doentes incuráveis abandonados têm ali o seu lar. Que maravilha! Angola necessita urgentemente desta obra para que os nossos doentes incuráveis abandonados não venham a morrer na rua, nos vãos das escadas ou debaixo das árvores. Todo o respeito e carinho para com os nossos Idosos, de todas as classes sociais, com família ou sem família, devem ser partilhados também com os nossos doentes incuráveis abandonados. O Calvário, o ramo muito querido da Obra da Rua, como as Casas do Gaiato, teria uma oportunidade privilegiada nesta nossa querida Angola. Mas, quando poderá ser? Só o Pai do Céu é que sabe.

Estou a escrever-vos no primeiro Domingo do Advento. É o tempo de preparação do nosso coração, a dimensão mais profunda da nossa vida, para a vinda de Jesus. É o amor vivido até ao dom da própria vida. É um foco de luz tão forte que deve iluminar toda a nossa existência. Não queiramos outro caminho, senão a via do amor, até onde pudermos. Em comunhão muito íntima com os Idosos e os Doentes incuráveis abandonados, recebi um beijinho dos filhos mais pequeninos da Casa do Gaiato de Benguela. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

FIQUEI chocado com o relato feito por dois Rapazes meus, os quais, de comboio e muito cedo, foram a um hospital de Lisboa a consultas médicas.

Encontraram, ainda no frio da manhã, vários idosos e jovens a dormir na rua sobre papelões, com a cabeça embrulhada em casacos em pleno coração da Capital.

Tragédias que já tenho presenciado, mas nunca me tocaram tanto como a exposição dos meus Rapazes.

Fiquei triste com a sua tristeza e feliz por não terem olhado para o lado, mas viram os irmãos e repeliram interiormente a sua desgraça.

É verdadeiramente cruel que a Sociedade permita a exposição miserável de alguns dos seus membros. Dormir na rua, num frio destes, quem entende?!

Quem dorme na rua, por nada ter, não comete crime, mas cometem-no todos aqueles que deveriam ter providenciado para que isto não acontecesse a nenhum ser humano. Sim. Se um carro fica mal estacionado, vem uma força e leva-o. Eu acho bem. Sofri, mas devo confessar que já me aconteceu.

Então?! Se um homem ou mulher, velho ou novo, for encontrado a dormir na rua, fica bem estacionado? Não seria melhor *rebocá-lo*, também, para uma camarata ou um quarto aconchegado e uma cama lavada, provida de cobertores confortáveis? Não vale mais o homem do que o carro?!

Endeusou-se a liberdade em detrimento da humana dignidade. É uma afronta à nobreza do homem e da sociedade uma situação destas, pois a dignidade deste é prioritária à sua liberdade.

Pago, todos os meses, nesta altura, cinco quartos, para que as pessoas não durmam na rua e fico sempre a chorar, na alma, lágrimas inesquecíveis, quando sou obrigado a dizer não a uma mãe de família, que me implora o pagamento da renda da sua casa, ameaçada de ir para a rua com os filhos.

Nestas noites geladas, os cobertores da minha cama aquecem-me o corpo, mas não me estancam o choro da alma! Se há dinheiro para tantas realizações dispensáveis, porque não encontramos meios capazes de dar ao ser humano, ao menos, um lugar digno para dormir!

Um homem a dormir na rua, ofende a dignidade do povo que se manifesta incapaz de impedir uma degradação destas.

É Natal. Apregoa-se solidariedade, alegria e família, mas não se fala de tão grande chaga! □

MALANJE

Padre Rafael

Continuação da página 1

Dizem que o sangue dos mártires é semente de cristãos. Assim, do mesmo modo, são muitos os filhos da Obra da Rua que sacrificaram suas vidas... padres, senhoras, gaiatos... e não devemos perder a confiança de que trará seu fruto.

A Obra só tem um Senhor e todos a servimos, porque foi mãe para todos. Nossa atitude deve ser de escuta orante, porque os Pobres continuam nas ruas... e os padres nas dioceses... Só falta dar o passo e dizer que esta Casa é a vossa Casa. Foi Padre Américo quem abriu as suas portas e ninguém tem autoridade para fechá-las. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Dia do Idoso

ONTEM, dia 30 de Novembro, foi celebrado o dia do Idoso. Tive a felicidade de partilhar a paz e a alegria dum grupo numeroso de idosos, acolhidos no seu lar, renovado pelo governo, junto à nossa Casa do Gaiato de Benguela. O Idoso é um verdadeiro tesouro da sociedade. Na sua vida encontramos o capital humano da criança, do jovem, do adulto e do mais velho. Por isso, a relação de respeito para com os Idosos seja fruto dum amor profundo pela sua dignidade humana. A família natural seja o lugar da vivência dos pais até à sua morte. Que a força do amor seja maior que a tentação frequente de os afastar do seu ambiente familiar. Os trabalhos que a sua presença pede, distribuídos pelos cuidados de toda a espécie, põem à prova o amor de gratidão a que têm direito, da parte dos seus familiares.

Há, contudo, a multidão dos idosos sem família para cuidar deles. Não podem ser abandonados. Têm direito a um lar que os acolha, de tal modo que vivam num ambiente familiar. É um sinal muito triste da sociedade desumana vê-los na rua abandonados, durante o dia. À noite não têm outra morada, senão os vãos das escadas ou os espaços cobertos pelas árvores. É

dura, sem dúvida, esta linguagem. Quem dera nos sintamos tão sensibilizados que o nosso amor pelos Idosos de todas as classes sociais nos leve a fazer tudo o que pudermos para salvar, com dignidade, o tesouro humano que representam.

Foi, na verdade, um momento muito rico a convivência com o grupo de Idosos, no seu lar, na celebração do seu dia. Quem dera todos os dias sejam o seu! Os rostos espelhavam a paz e a alegria que lhes enchia o coração, como fruto do amor que estavam a viver. A mensagem deste acontecimento foi irradiada para todos os cantos, através da rádio e da televisão. A sensibilização dos corações para esta realidade, profundamente humana, faz a sociedade mais feliz, mais realizada.

Há uma outra dimensão social humana a pedir, também, o nosso compromisso, até onde for possível. É o doente incurável abandonado, sem família. O hospital é para quem tem esperança de cura. Está certo. Mas quem não tem esperança de cura, nem família que o acolha, para onde vai? Para a rua! Não teve condições dignas para viver, nem terá condições dignas para morrer. Quem dera o governo, a Igreja, ou outras forças vivas da sociedade fizessem a